

# O PERFIL DE SANTIDADE MENDICANTE EM SÃO LUÍS SEGUNDO AS HAGIOGRAFIAS DE SÃO DOMINGOS E DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Autora: Annelise Maria Schneider

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Fátima Regina Fernandes

Palavras-chave: espiritualidade mendicante, hagiografia, santidade medieval.

O século XIII é caracterizado pela ascensão de novas mentalidades decorrente de uma expansão das cidades, que, por sua vez, foi propiciada pelo desenvolvimento agrícola. As cidades, na visão dos clérigos medievais, se configuram, segundo Jacques Le Goff<sup>1</sup>, numa mescla entre cidade real e cidade sonhada. Era uma cidade feita, para esses homens da Igreja, antes de homens e de cidadãos, do que de pedras. É na cidade, em torno da catedral – feita cerne urbano – que se desenvolve uma nova forma de se pensar o sagrado. É aqui que se desenvolve o pensamento mendicante.

É também nesse desenvolvimento citadino que se manifesta maior preocupação com a salvação. Nesse século XIII ainda se acredita que o enriquecimento se configura em grave pecado, assim, objetivando a salvação de suas almas, os homens de negócios e, principalmente, reis fazem grandes doações às Igrejas. Essas grandes doações resultam em competição por parte das cidades pelas mais ricas e portentosas Igrejas.

Ainda que não seja um processo isolado, o reino de França se destaca frente a esse florescimento urbano, pelo desenvolvimento de uma arte régia: a arte gótica. Este estilo congrega em si a espiritualidade emergente nos centros urbanos. É este o cenário do presente estudo que tem por objetivo analisar o tema da santidade medieval nas hagiografias de São Domingos e São Francisco de Assis, compiladas na obra *Legenda Áurea* de autoria do dominicano Jacopo de Varazze, bem como visualizar o modelo de santidade de São Luís.

Assim, a divisão estrutural do trabalho foi feita em três capítulos sendo que ao primeiro relegou-se o contexto em que se desenvolve a espiritualidade mendicante, contemplando a ascensão do ambiente urbano nos séculos XII a XIII, bem como o desenvolvimento da arte gótica, a qual desvela uma nova forma de espiritualidade, em que congrega a riqueza da Igreja com o ideal apostólico e de pobreza das ordens mendicantes. Ao que passo, então, a descrever sobre a participação das ordens franciscana e dominicana.

No segundo capítulo, detenho-me na descrição do reinado de São Luís. Início por sua infância, a educação dos pais e influência, não só dos pais, mas do avô também, bem como sua herança. Essas são características que darão o tom de sua forma de governo, tanto a educação estritamente religiosa da mãe, bem como o exemplo de governo do avô Filipe Augusto, que chega a citar nos ensinamentos a seu filho. Assim, adentro à estrutura de monarquia santificada que Jacques Le Goff explora na obra *São Luís, Biografia*<sup>2</sup> e que utilizo na análise da santidade do santo rei.

O terceiro capítulo é reservado à análise da fonte e à análise do discurso hagiográfico em que me ateno aos relatos sobre São Francisco de Assis e São Domingos. Como fundadores das duas principais ordens mendicantes – respectivamente a ordem dos frades menores e a ordem dos irmãos pregadores – são eles que compõem o catolicismo apostólico na Baixa Idade Média, bem como são, juntamente com São Luís, expoentes da perseguição do exemplo da pobreza de Cristo.

---

<sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. “Cidade” In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 1. Bauru: EDUSC, 2006. P. 219.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. CASTRO, Marcos de (trad.). São Paulo: Editora Record. 2002.

Assim, a análise gira em torno da espiritualidade gótica, sobre a qual me detenho aos estudos de Georges Duby em *O Tempo das Catedrais*<sup>3</sup> e de André Vauchez em *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*<sup>4</sup>. Enquanto Duby faz um estudo sobre a teologia que envolve o nascimento do estilo gótico e das mutações que se estabelecem no que concerne à espiritualidade medieval, Vauchez traz uma análise das mutações espirituais na Idade Média pautado mais nos movimentos sociais do que na teologia envolvida no processo.

Neste contexto, as ordens mendicantes nascem da necessidade de uma forma de religiosidade que viesse a combater os pecados entre os pecadores. Diferentemente dos monges que se enclausuram em seus claustros e se isolam do século, os monges mendicantes veem a proferir a palavra de Deus entre os homens, em língua vernácula, se fazem acessível a seu público. Fixam-se nas cidades, onde há a carência do exemplo de Cristo, já que as igrejas e as antigas ordens monásticas enriquecem a largos passos. É preciso que se leve a conhecer o exemplo da pobreza de Cristo. Não rejeitam a Igreja, mas sim a riqueza com que se adorna.

No que concerne a São Luís, amparo-me no estudo de Le Goff. Concatenado ao seu tempo e às suas mudanças, o santo rei promove a expansão do estilo gótico, bem como é grande adepto das ordens mendicantes. Trabalha ainda para enfatizar a religiosidade cristã e não poupa esforços à glorificação divina. São Luís congrega sua função real com sua devoção a fim de obter a paz em seu reino e, assim, conquistar a salvação sua e de seus súditos.

Governa visando o bem comum, pois é uma amante da paz. Ama os pobres e incita a firmeza da fé e o resguardo à tentação do diabo. Apresenta um governo monárquico direto, pessoal. O santo rei gosta do contato humano, no que é comparado a Cristo em relação a seus apóstolos, além de sua grande sensibilidade com a mentira. É, segundo Le Goff, um amante dos sermões e tem grande simpatia pelas ordens mendicantes de onde tira sua inspiração religiosa. Utiliza-se de sua espiritualidade, de sua religiosidade concatenada a sua obsessão pela justiça para obter a paz em seus territórios. São Luís respeita a doutrina cristã e se modela a partir daquilo que acredita ser a vontade de Deus. Faz com que política e moral se coincidam em sua conduta e a cobra de seus súditos. Transforma, segundo Le Goff, “suas fraquezas individuais em poder pessoal”<sup>5</sup>.

O santo rei, afirma Le Goff, ainda que respeite inteiramente a Igreja, limita seu poder quando este adentra nos assuntos do reino de França, este é o seu domínio e não aceita interferência exterior. Entretanto, apoia largamente a atuação das ordens mendicantes que, diferentemente dos monges, vivem entre os homens nas cidades, misturam-se ao século e são os grandes difusores das práticas religiosas: *a confissão, a crença no purgatório, a pregação*<sup>6</sup>.

Um dos instrumentos de apoio a essa pregação é a hagiografia. Segundo Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva<sup>7</sup>, o termo Hagiografia é utilizado desde o século XVII para designar textos que tratam de santos com objetivos religiosos, bem como o estudo sistemático e crítico, que se inicia neste mesmo século. O material hagiográfico possui como temática central a biografia, assim a natureza desses documentos é diversa.

---

<sup>3</sup> DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*. A arte e a sociedade 980 – 1420. SARAMAGO, José (trad.). Lisboa: Editorial Estampa. 1993.

<sup>4</sup> VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*. Séc. VIII – XIII. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

<sup>5</sup> *Idem*. p. 450.

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia... *Op. Cit.* p.661.

<sup>7</sup> SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Hagiografia*. In: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm> (acessado em 02/11/2010).

Frazão ainda afirma que esses textos têm por objetivo guiar a liturgia (missas e ofícios monásticos), atrair adorações e doações, doutrinar e edificar. Sendo assim, esses escritos são de grande importância para a dispersão de modelos e padrões morais. Porém, salienta que não são textos teológicos ou canônicos, mas festivos, que visam comemorar a vitória do santo contra o mal.

Percebe-se que as hagiografias, no século XIII, têm grande atuação no cenário de construção da santidade, haja vista, como atesta Carolina Fortes<sup>8</sup>, ser possível identificar traços característicos da época do texto estudado. Segundo a autora, a contextualização da fonte escrita é considerada como um discurso. Assim, estando o ideológico presente nestes textos, representado por traços da geração, pode-se analisar o processo social de produção da fonte.

Vauchez afirma que as hagiografias, no século XIII, dotavam o santo de um caráter heróico e que sua vida tinha o propósito de atestar sua santidade através da evidenciação de suas virtudes. Assim, mártires e confessores, segundo Sofia Gajano<sup>9</sup>, são os primeiros cultuados como santos, são mortos excepcionais, mas se tornam, rapidamente, intercessores pela proximidade evidente que têm com Deus. São esses mártires, vitimados pela perseguição aos cristãos, os primeiros alvos das Hagiografias.

A obra *Legenda Áurea*, que é objeto de estudo deste trabalho, tem, segundo Hilário Franco Júnior<sup>10</sup>, grande valor moral e pedagógico. Sendo assim podemos aventar a importância dessa obra para a pregação. O autor salienta que a palavra *Legenda* tem o significado de “aquilo que deve ser lido” ou ainda de “vida dos santos” e *Áurea* de ouro, assim sendo, conclui-se que são escritos de grande valor. Segundo Franco Júnior, a intenção de Jacopo de Varazze ao realizar a obra é o de fornecer material de apoio a seus irmãos pregadores na elaboração de seus sermões. Não se limita a compilar as hagiografias já existentes, mas também as comenta. As escreve em forma de *Exemplum* - (“relato breve dado como verídico e destinado a ser inserido num discurso”<sup>11</sup>). O autor salienta que a *exempla* enriquece as hagiografias e possibilita a criação de uma identidade de sociedade na medida em que se configura em uma cultura intermediária considerada como espaço comum à elite e ao vulgo, onde eram trabalhadas de formas diferenciadas pelos dois lados.

Segundo Franco Júnior, Varazze tem intenção de mostrar a vida dos santos de forma universalizada, sob um mesmo enquadramento geográfico, ainda que se percorra várias regiões, e marcada por atemporalidade. Além disso, salienta a imagem tradicional de santidade, com seus poderes taumatúrgicos e seus corpos imaculados pela morte, mostrada por Varazze. O historiador atenta, também, para o fato de o santo ser visto como um interlocutor entre o fiel e o divino, sendo que ambos são passíveis de punição em ocorrência de desobediência de suas obrigações: o fiel não cumprindo com as orações e jejuns e o santo homem quando não conquistadas a saúde e salvação eterna do fiel.

Jacopo de Varazze, autor da *Legenda Áurea*, nasce em 1226 e entra para a ordem dominicana com 18 anos e chega, em 1267, à liderança da ordem, na província da Lombardia, onde ficará por 20 anos. Sua notoriedade era tanta que, quando Gênova foi excomungada, foi ele escolhido pela população para, junto do franciscano Rufino de Alessandria, interceder pela cidade em Roma. Foi sagrado arcebispo de Gênova, em 1292,

---

<sup>8</sup> FORTES, Carolina Coelho. Pressupostos Teóricos para o Estudo da Hagiografia. In: *Atas da IV Semana de Estudos Medievais*. <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AtasIVSem.pdf>. pp. 173-179. (acessado em 02/11/2010).

<sup>9</sup> GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques e SHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. Edusc: SP. 2006. Pp. 449-462.

<sup>10</sup> VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea*. Vidas de Santos. FRANCO JUNIOR, Hilário (trad.). Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

<sup>11</sup> *Idem*. p. 13.

pelo papa Nicolau IV. Morreu em 1298 admirado por seus concidadãos e tornado, em 1645, patrono da Varazze e foi beatificado em 1816 pelo papa Pio VII.

A obra de Jacopo, *Legenda Áurea*, conheceu, mesmo em sua época grande sucesso, tendo sido traduzida diversas vezes e com várias edições. A versão escolhida pelo historiador Hilário Franco Junior para a tradução da edição brasileira “*abarca a integralidade do texto comprovadamente de Jacopo de Varazze*”<sup>12</sup>. Por respeito ao frade dominicano, Franco Junior não seleciona os apêndices de outros autores, bem como não faz interferências diretas no texto nos muitos erros de citações bíblicas que eram, muitas vezes, feitas de cabeça. Assim, o historiador opta por utilizar a versão de 1845 publicada por Theodor Graesse.

Nas duas hagiografias escolhidas – São Francisco de Assis e São Domingos – percebemos a presença das características de uma espiritualidade gótica representada não só pela escolha da obra, como um todo, mas do recorte dela, pela escolha dos dois santos, contemporâneos entre si e à produção do livro. Assim, percebe-se a presença da peregrinação, da pregação, da presença dos pregadores no século, o combate às heresias pela palavra.

São Domingos, que funda a ordem dominicana propõe que o combate aos infiéis, aos hereges e aos pecados seja feita pela pregação que, por sua vez, se faz mediante a peregrinação sem adornos, sem riquezas, sem mulheres, seguindo o exemplo apostólico de Cristo, pois as ordens cistercienses, que pretendiam estabelecer a ordem cristã, se encontravam desanimadas. Suas pregações eram verdadeiros embates de eloquência, em que se utilizavam da teologia para trazer à fé cristã àqueles que dela se distanciavam.

A pregação na *Legenda Áurea*, e em particular em São Domingos, aparece, segundo a historiadora Néri de Almeida Souza<sup>13</sup>, como meio de obtenção do martírio. Assim, na descrição da atuação de São Domingos, Jacopo mostra que o santo homem tinha predileção em pregar àquelas pessoas que lhe injuriavam, em especial quando se tratavam de hereges. Percebemos, ainda, que São Domingos dá grande importância ao estudo. A penitência, como aparece na *Legenda Áurea*, no que concerne ao santo pregador, é feita por ele mesmo: recebia de si mesmo três chicotadas, sendo uma para si, outra pelos pecadores que rondavam pelo mundo e a terceira por aqueles que padecem no purgatório.

No que concerne a São Francisco de Assis, sabemos que em sua juventude vivia na luxúria do mundo secular. Nos primeiros anos do século XIII, porém, se converte ao Culto de Cristo. Mais que isso, Dele toma seu exemplo e se alija de todo adorno e dinheiro que possuía. Passa, então, a ser “*jogral de Deus*”<sup>14</sup>. Seu maior objetivo é viver entre os pobres, trabalhar em prol deles e, não recebendo por isso, faz-se necessário que pedissem seu pão. Mesmo em São Francisco, vemos o objetivo da morte, usa o cilício como penitência e acolhe a morte com alegria: “*Seja bem vinda, minha irmã morte*”<sup>15</sup>. A simplicidade de São Francisco é demonstrada na *Legenda Áurea* pela sua fala com os animais, bem como pelo fato de determinar sua ordem como ordem dos frades menores, para que não tivessem intenção de se sobreporem a ninguém. Assim como São Domingos, Francisco dava predileção aos insultos, sempre que era elogiado de alguma forma em decorrência de suas virtudes e de sua santidade, pedia que alguém lhe injuriasse.

Em consonância a esses ideais encontramos o governo de Luís IX. Jacques Le Goff afirma que o rei governa pela busca da humildade, da justiça, da renúncia, de acordo com o ideal pregado pelos frades mendicantes. O autor divide o reinado de São Luís em duas

---

<sup>12</sup> *Idem*. p. 23.

<sup>13</sup> SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a natureza da santidade: o santo, o herói e a morte. In: *Signum*. Revista da ABREM. Número 4, 2002. Pp. 11 – 47.

<sup>14</sup> DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais...* Op. Cit. p. 145.

<sup>15</sup> VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea...* Op. Cit. p. 846.

partes: antes de se fazer cruzado pela primeira vez e depois da cruzada, em que é feito cativo. Anteriormente é caracterizado como um reinado de simples piedade e de um governo normalmente cristão. Posteriormente à cruzada, empenha-se em um período de penitência e de ordem moral.

Sendo Luís IX um grande fanático por sermões, é lógico que ele se aproxime das ordens mendicantes, que tem por base a pregação de modelo apostólico. Ainda que a Igreja não reconheça São Luís como mártir, Joinville<sup>16</sup> defende que, assim como Cristo, teve morte pela cruz, pois era cruzado quando morreu em Túnis, em 1270. Luís era ainda amante da paz e dos pobres. Le Goff assim o caracteriza: “*é bem um rei franciscano de feição sorridente que transmite uma mensagem não de tristeza, mas de alegria*”<sup>17</sup>.

Jacques Le Goff traz o debate sobre a construção da personagem de São Luís, no sentido do quanto podemos, ou poderemos, saber sobre o santo rei e o quanto é uma imagem montada pelos hagiógrafos e biógrafos que se empenharam na narrativa dos costumes e feitos desse rei, em virtude do desejo de torná-lo santo, ou ainda, de tornar um monarca francês santo. Além disso, Le Goff cita a documentação feita por Joinville como passível de se identificar defeitos humanos no santo. Assim, podemos aventar que a imagem de Luís IX como santo é uma construção com base numa espiritualidade mendicante em que tem seu modelo em São Domingos e, principalmente, em São Francisco de Assis.

---

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia... Op. Cit.* p. 421.

<sup>17</sup> *Idem.* p. 467.